

RELATÓRIO

FORMAÇÃO DE OBSERVADORES

(Aula prática)

DISCIPLINA DE PSICOPEDAGOGIA

FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Elaborado por

Marina Gomes Serra de Lemos

1986

Í N D I C E

1. A DISCIPLINA DE PSICOPEDAGOGIA
2. O PROGRAMA DAS AULAS PRÁTICAS
 - 2.1. INTRODUÇÃO
 - 2.2. OBJECTIVOS ESPECÍFICOS
 - 2.3. CONTEÚDOS E MEIOS
 - 2.4. AVALIAÇÃO
3. UMA UNIDADE - FORMAÇÃO DE OBSERVADORES
 - 3.1. INTRODUÇÃO
 - 3.2. OBJECTIVOS ESPECÍFICOS
 - 3.3. CONTEÚDOS E MEIOS
 - 3.4. AVALIAÇÃO

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRAFIA DA UNIDADE

ANEXOS

1. A DISCIPLINA DE PSICOPEDAGOGIA

A disciplina de Psicopedagogia faz parte do plano de estudos do 3º ano da licenciatura em Psicologia. São-lhe dedicadas quatro horas semanais de aulas, igualmente repartidas entre teóricas e práticas. Constitui o primeiro nível de formação dos alunos neste campo.

Trata-se de uma disciplina cuja temática é única no currículo desta licenciatura e em que o fenómeno educativo pode ser visto pelo ângulo pedagógico. Pretende-se deste modo dar uma perspectiva também pedagógica aos futuros psicólogos. Esta perspectiva de análise é a adoptada pelos corpos docentes pelo que consideramos que constitui um instrumento indispensável ao trabalho dos psicólogos na escola.

2. O PROGRAMA DAS AULAS PRÁTICAS

2.1 - INTRODUÇÃO

Como em qualquer outro ramo do saber, a especificidade do conhecimento pedagógico depende da metodologia utilizada na sua investigação: metodologia de recolha e tratamento de dados, bem como da natureza das conclusões retiradas; isto é, como Paquay (1974) faz notar, "é a metodologia empregue que é a fonte de sinais significativos para a compreensão e intervenção".

Uma forma privilegiada de aquisição de conhecimentos no domínio pedagógico é a aprendizagem da metodologia da sua constituição, a compreensão da sua génese graças à aplicação do seu método particular de estabelecer conclusões, independentemente da ciência

já constituída. Esta metodologia é o conteúdo fundamental das aulas práticas desta disciplina. A sua *temática* consiste pois no conjunto de métodos, técnicas e estratégias cujos resultados de aplicação permitam uma caracterização pedagógica (1) de situações educativas; tal caracterização é parte integrante e suporte da compreensão pedagógica do fenómeno educativo - *objectivo global* da disciplina de psicopedagogia.

Esta forma de ensino/aprendizagem *dirige-se mais à formação do que à informação do aluno* pois visa também capacitá-lo para a pesquisa, como acentuam J. Peujal e J. L. Fons (19).

Coexistem três grandes finalidades:

- aprender pedagogia (ou psicopedagogia) utilizando os seus processos de investigação de uma forma activa, e, aprender a investigar investigando; a *investigação como técnica de ensino* tem, entre outras, a vantagem de evitar que o ensino se limite a um trabalho de transmissão de conhecimentos, para o tornar activo e funcional, veículo de renovação da educação em geral, nomeadamente da universitária;
- por outro lado, saliente-se a importância desta metodologia e temática na compreensão dos *papeis da Psicologia e da Pedagogia no campo da Educação*;
- a última finalidade constitui a dimensão "*formação da capacidade de aprender*", valorizada por esta disciplina como instrumento para uma educação permanente.

(1) O modelo de caracterização pedagógica é o proposto por A. Estrela (1984 a) e b)).

2.2 - OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

São objectivos específicos das aulas práticas desta disciplina:

- Saber utilizar métodos e técnicas de observação: quais, porquê e como;
- Desenvolver e aplicar técnicas de análise de conteúdo e modelos de síntese de dados;
- Identificar e reconhecer variáveis estruturais e dinâmicas de uma classe e analisar as suas interacções, através da utilização de instrumentos de recolha e análise de dados;
- Com base nesta caracterização, formular hipóteses explicativas.

2.3 - CONTEÚDOS E MEIOS

Três características gerais identificam os conteúdos e meios seguidos nas aulas práticas:

- A sua sucessão, isto é, a sequência da organização dos conteúdos e meios, dos objectivos estabelecidos, operacionalizando-os.
- As estratégias utilizadas nas aulas práticas inserem-se na corrente da aplicação dos métodos activos ao ensino superior, nomeadamente através da utilização da investigação como meio de formação científica dos alunos. Se deste modo se procura a preparação para uma futura intervenção rigorosa e fundamentada na análise precisa das situações, por outro lado não se despreza a sua eficácia motivacional e de comprometimento do aluno com a disciplina.
- Os conteúdos constituem os próprios meios. (1)

(1) Cf. ponto 3.3. onde o sentido desta característica dos conteúdos e meios será explicado.

Os conteúdos das aulas práticas:

1. Análise da organização e funcionamento de práticas educativas em situação de classe e de instituição escolar, no sentido da detecção da evolução das principais correntes e modelos pedagógicos dos sécs. XIX e XX.

2. Métodos e técnicas de observação:

2.1 - Observação naturalista;

2.2 - Observação ocasional e sistemática.

3. Análise e caracterização de situações educativas:

3.1 - Técnicas e instrumentos de recolha de dados relativos à estrutura⁽¹⁾ da classe:

visitas ao local;
consulta de arquivos;
entrevistas e questionários;
fichas para registo de dados.

3.2 - Técnicas de instrumentos de recolha de dados relativos às acções e perspectivas dos intervenientes na classe:

3.2.1 - Acções: instrumentos de observação naturalista e ocasional:

instrumentos de observação sistemática de comportamentos verbais e não verbais, em situação de aula e de recreio.

3.2.2 - Perspectivas: entrevistas;

questionários e inquéritos;
teste sociométrico;
redacção;
desenho;
fichas para registo de dados.

(1) Este termo é utilizado no sentido em que o fez A. Estrela (198

3.3 - Processos e técnicas de análise e tratamento de dados:

análise de conteúdo;
categorização de dados;
síntese;
grelhas de análise;
gráficos, quadros, matrizes;
técnicas de análise sociométrica.

4. Processos de interpretação de dados.

A preparação dos alunos nos vários métodos, técnicas e instrumentos faz-se, sobretudo, através de situações de simulação, de acordo com os objectivos específicos de cada unidade.

A sua aplicação a situações reais insere-se em pequenos projectos de investigação no terreno, controlados pelos docentes, que os alunos são levados a desenvolver em pequenos grupos, ao longo do ano escolar. O ponto de chegada destes projectos é o levantamento de pistas explicativas, do ponto de vista pedagógico, das situações educativas analisadas. Trata-se, fundamentalmente, de um estudo de caso, que levará à elaboração de uma monografia; estudo qualitativo, em profundidade, procurando principalmente ver o real (uma classe) de vários ângulos de observação e análise. Para a sua realização, os alunos contactam escolas do ensino básico e, sobretudo, preparatório e secundário (1), desenvolvendo o seu trabalho sobre uma classe e, mais directamente, nas aulas de uma disciplina (no caso do ensino preparatório e secundário).

(1) A prioridade dada aos trabalhos nos dois últimos níveis de ensino, resulta da análise das actividades previstas nas várias disciplinas do currículo da licenciatura em Psicologia, análise que revela que os alunos não têm outras oportunidades de contacto com estes níveis de ensino.

As aulas são também o momento de reflexão e conclusões acerca das etapas (teóricas e práticas) realizadas durante a semana; bem como de discussão e planeamento das pistas de trabalho futuras.

2.4 - AVALIAÇÃO

O conhecimento dos conteúdos das aulas práticas é avaliado através do modo como os alunos os aplicam, isto é através do "saber fazer" e, por referência ao seguinte padrão geral:

- escolha da técnica e instrumentos face aos objectivos;
- quem os aplica, a quem / a quê e quando;
- domínio da técnica em si mesma.

O critério de sucesso é, fundamentalmente, o comportamento dos alunos, que é confrontado com os objectivos específicos de cada unidade. A avaliação é ainda realizada através dos produtos orais ou escritos, resultantes do seu trabalho no terreno.

A avaliação é pois realizada em diversos momentos:

- durante as aulas, através da observação que o docente faz dos comportamentos dos alunos, tais como a correcção da aplicação de instrumentos e técnicas, propostas de trabalho adequadas dos objectivos;
- no fim de cada unidade, através dos produtos dos conjuntos de actividades preconizadas;
- no final do ano, através da apreciação do relatório do projecto desenvolvido ao longo do ano, apreciação esta complementada com a sua discussão oral.

A avaliação é processual, consistindo na verificação da consecução ou não de objectivos operacionais.

A avaliação é formativa e tem funções de intervenção: dela é dado o "feedback" aos alunos e esta informação é acompanhada dos

meios necessários ao bom prosseguimento dos trabalhos.

Embora não seja conduzida uma avaliação do processo das aulas práticas, o docente dispõe de dois mecanismos para a sua regulação:

- O primeiro decorre das características da avaliação dos produtos e resultados da aprendizagem: o seu carácter formativo e contínuo permite ao docente obter informação sobre a eficácia da utilização e articulação de determinados meios. Note-se que tal só é possível devido à operacionalização dos objectivos, que são o elemento condutor do processo.
- O outro, é constituído por dois tipos de questionários que os alunos preenchem (1):
 - . Um deles, cujo preenchimento é solicitado na primeira aula do ano, tem por objectivo recolher alguns dados sobre as perspectivas e opiniões de alunos: seus interesses, motivações, expectativas, representações, conhecimentos e experiências nesta área.
 - . O outro, utilizado no final do primeiro e do segundo período escolares é um questionário de opinião orientado para a obtenção de dados referentes a diferentes aspectos: conteúdos, técnicas e métodos de comunicação, organização, funcionamento, dinâmica relacional.

Estes questionários são tratados através de análise de conteúdo, cujos resultados são devolvidos aos alunos.

(1) Os questionários são apresentados em anexo.

Expostos os princípios, organização e funcionamento geral da estratégia pedagógica seguida nas aulas práticas da disciplina de Psicopedagogia, passaremos a apresentar a sua concretização numa das unidades do programa - a formação de observadores.

3. UMA UNIDADE - FORMAÇÃO DE OBSERVADORES

3.1 - INTRODUÇÃO

Apresentamos de seguida uma unidade do programa das aulas práticas especialmente dedicada à formação dos alunos como observadores. Esta unidade corresponde a um conjunto de aulas e pretende preparar os alunos para aquela que continua a ser uma das principais formas de conhecimento da realidade - a observação - e, portanto, fundamento da intervenção. Pretende-se criar nos alunos uma atitude científica pela e para a prática da observação.

É uma unidade temática, que pode ou não coincidir com uma unidade temporal, embora se procure que isso aconteça. A sua duração varia entre 3 e 4 aulas de 2h cada. A importância que se atribui ao processo na nossa estratégia pedagógica, exige que no planeamento das aulas se salvasse a possibilidade de tal variação. Consideramos que, o que é essencialmente educativo é a concretização dos objectivos, o que se vive e se experimenta durante as actividades e não tanto os seus resultados. É pois óbvio que, classes constituídas por quantidades e tipos de pessoas diferentes, possam apresentar-se com diferentes ritmos, tanto mais que este tipo de aprendizagem exige uma motivação forte e real que o docente terá de fazer surgir.

A importância desta unidade é ainda mais evidente se considerarmos que os alunos terão de ser bons observadores ao longo de todo o processo e que a observação deverá assumir uma função organizadora de todo o processo de investigação.

A função organizadora da observação traduz-se no seguinte: os alunos recolhem dados, retiram conclusões e voltam ao campo com essas conclusões; trata-se pois de uma investigação aproximativa, que se vai organizando progressivamente. Os alunos confrontam as suas conclusões com o real, verificam a sua pertinência para um outro plano de compreensão desse real. Pretende-se que haja uma *relação dialéctica entre os aspectos teóricos que decorrem da prática e a realidade*. O desenvolvimento das potencialidades do observador é que permite transformações no "design", nomeadamente uma melhor operacionalização dos meios, dos objectivos, a partir deste modo de utilização dos instrumentos; a possibilidade de o fazer é dada pela capacidade que o observador adquire de comprovar, de se confrontar com as necessidades de conhecimento do real.

O significado da afirmação atrás utilizada - *os conteúdos são os próprios meios* - é, no que respeita a esta unidade, duplamente utilizados: (1) o conteúdo desta unidade - métodos e técnicas de observação - é um dos meios de aquisição de conhecimentos no domínio da psicopedagogia; (2) é também o meio utilizado pelo docente neste conjunto de aulas. Tal estratégia, implica a coincidência da descrição dos conteúdos da presente unidade, com a dos meios nela utilizados.

Valoriza-se mais a metodologia do que os elementos que a integram; considera-se que os instrumentos e técnicas não valem por si próprias, mas como elemento metodológico.



O treino da utilização de instrumentos de observação já existentes assume um papel menos relevante, de *modelo formal*, exemplo, treino, em relação à compreensão dos pressupostos (princípios, exigências) e ao percurso das etapas subjacentes à sua construção: processos e técnicas de recolha, registo e organização de dados de observação, cientificamente válidos. Pretende-se desta forma estabelecer as bases para assegurar e aperfeiçoar não só o rigor da aplicação de instrumentos, como também a pertinência dos objectivos da sua utilização, a adequação do tratamento e análise dos dados e respectivas conclusões (garantindo o rigor do conhecimento pedagógico resultante), uma melhor compreensão dos resultados das investigações e, mesmo, a possibilidade de construir os instrumentos de acordo com as exigências da investigação e das realidades sobre que se trabalha. Em síntese, pretende-se que a observação se torne, também para os alunos, num meio através do qual adquiram conhecimento. A aprendizagem dos processos de construção pode ser generalizada a outras áreas de formação e intervenção.

Assim se procura também que os instrumentos utilizados não distorçam a realidade, sejam adaptados às suas características, dependentes dos objectivos do investigador.

Esta estratégia é uma concretização da opção metodológica de ensino/aprendizagem que consiste em ensinar e aprender através da *gênese*, mesmo para os que aplicam. Evidentemente, tratando-se do nível de formação básico neste domínio, a pesquisa funciona principalmente como meio de *redescoberta* e não tanto de *descoberta*; note-se que, no entanto, também se pretendem verificar regularidades e irregularidades quer ao nível dos elementos recolhidos, quer ao nível das explicações. G. Nérici (1973) salienta duas importantes características do método de pesquisa: (1) estruturação lógica e objectiva dos procedimentos e resultados alcançados e, (2) registo metuculoso dos dados e interpretação prudente, não indo além do que os dados permitem.

Deste modo pretende-se ainda que a aquisição e aprofundamento de conceitos e conhecimentos teóricos sobre as metodologias de observação e registo de dados se processe de forma integrada (e não paralela ou complementar), estimulada pelo experienciar da tomada de consciência da sua necessidade, pelo que realçamos a importância de os alunos percorrerem as etapas conducentes aos preceitos da observação rigorosa; é também assim que se procura aplicar a esta unidade um princípio subjacente ao conjunto das aulas desta disciplina: a explicação exaustiva dos fenómenos educativos é substituída pela (re)descoberta de modelos explicativos (1); a compreensão é resultado da reflexão sobre a realidade, cujo processo é rigorosamente descrito e analisado e, é sujeita à prova da realidade, evitando um discurso paralelo ao real. Acentue-se ainda a vertente psico-educativa, formativa, da estratégia adoptada, nomeadamente através da concentração do processo na acção e iniciativa dos alunos.

Embora os aspectos tratados sejam os da problemática geral da observação, dado o âmbito da disciplina, a finalidade desta unidade pode ser especificada como sendo a da contribuição para a compreensão pedagógica de situações educativas: O seu carácter pedagógico assenta de uma forma geral na metodologia utilizada e, especificamente, no tipo de dados recolhidos, técnicas de tratamento e articulação dos dados e, natureza das conclusões retiradas. No que diz respeito à observação directa, os dados

(1) Note-se que, no entanto, os projectos de trabalho realizados pelos alunos nas escolas, no âmbito desta disciplina, consistem fundamentalmente na construção e aplicação de modelos de descrição e análise.

recolhidos para a caracterização (definição do problema específico) do real em questão - uma classe - são referentes a:

- à organização do processo de ensino/aprendizagem (intervenientes, conteúdos, actividades, tarefas e material utilizado);
- à comunicação verbal pedagógica e socio-afectiva (frequência das várias categorias, tempo de uso da palavra e organização estrutural e de conteúdo) e,
- às deslocações no espaço da classe.

Os resultados da observação permitirão o levantamento de hipóteses relativas à articulação de alguns dos aspectos dinâmicos das situações observadas, uma vez que se trata da caracterização dos comportamentos e interacções dos seus elementos constitutivos.

3.2 - OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

O objectivo global desta unidade - saber observar situações educativas - integra um conjunto de objectivos específicos:

- Identificar as fontes de subjectividade dos registos de observação espontânea;
- Identificar critérios de observação necessários à sua objectivação e usá-los consistentemente;
- Validar os dados de observação;
- Elaborar protocolos de acordo com os preceitos da observação naturalista;
- Analisar protocolos de observação naturalista, no sentido da construção de instrumentos de observação sistemática;
- Categorizar os comportamentos individuais ou de interacção resultantes de tal análise, de modo a que se constituam na definição operacional de tipos (categorias) de comportamentos;
- Elaborar métodos de registo de observações: grades de sinais e grades de categorias.

3.3 - CONTEÚDOS E MEIOS

A descrição do modo como se processam as aulas para atingir os objectivos enunciados para esta unidade, considerará con juntamente a *temática abordada* - métodos de observação e técnicas de registo de dados para a caracterização de situações educativas - e os *meios utilizados* - actividades práticas de observação (construção e aplicação de técnicas e instrumentos), em situações de simulação e desempenho de papeis, onde se processa a aquisição ora isolada ora integrada de competências de observação.

A estratégia geral é a de ensinar as técnicas através da sua utilização; pretende-se a aquisição de um conhecimento através de uma prática. Os alunos são confrontados com os problemas levantados e levados a redescobrir soluções para a sua resolução. É assim que a razão de ser da observação (o porquê da observação) neste contexto e, as formas e meios de observação (o como da observação) vão sendo retirados da prática.

Em consonância com o objectivo de apresentar uma descrição das aulas para esta unidade, de demonstrar como se desenvolve o processo, como são postos em prática os objectivos e princípios enunciados, os conceitos necessários à utilização dos instrumentos de observação serão apresentados intercaladamente, à medida que emergem das actividades práticas.

Uma metodologia que concretize os princípios enunciados para o conjunto das aulas práticas, aqui brevemente sintetizados, implica que se parta do prático para o teórico; *exige que as práticas ultrapassem uma função meramente exemplificadora do teórico* e que a teoria se torne um instrumento de compreensão do real. Este é um desafio a que procuramos responder, ao planear o conjunto de aulas que se segue com base na criação de situações que provoquem a emergência dos problemas, bem como dos conceitos e sua sistematização necessário à prossecução dos objectivos.



O material utilizado nas actividades de aula consiste numa ficha para registo de dados de observação de classe e, num "incidente crítico" numa classe, registado em video (1).

O docente propõe aos alunos uma primeira actividade: informa os alunos no sentido de "ver" o video; o "incidente crítico" é projectado uma primeira vez e, antes da segunda passagem, pede-se aos alunos para "ver e escrever o que vêem". Seguidamente, cada aluno deve apurar, aperfeiçoar individualmente o seu descritivo final, após o que, em pequenos grupos, devem comparar os respectivos protocolos, anotando diferenças e semelhanças e discutindo as razões de tais coincidências ou discrepância; entre os elementos do grupo não devem exercer-se pressões para a alteração do descritivo de cada um, nem tentativa de eleger o mais correcto, trata-se somente de os comparar.

Um elemento de cada grupo transmite então os resultados da análise, indicando os aspectos em comum e as especificidades dos protocolos; estes resultados são registados no quadro preto em três rubricas: aspectos referentes ao professor, aos alunos e, à classe/aula.

Este conjunto de actividades é realizado em sequência, sem qualquer outra intervenção por parte do docente.

Os alunos têm oportunidade de tomar consciência da dificuldade de elaborar um descritivo a partir da instrução dada, de verificar eventuais divergências dos respectivos descritivos e de

(1) "Ficha para registo de dados de observação da classe", A. Estrela, texto policopiado. "Incidente crítico": o termo é usado no sentido em que o fazem M.T. Estrela e A. Estrela (1978). A ficha é apresentada em anexo.

conhecer a sua origem. A *sensibilização e introdução aos problemas* da observação é assim veiculada. Para além dos aspectos que se referem sobretudo ao "como" da observação, as actividades que suscita e que a seguir se apresentam cumprem ainda uma função de sistematização de conhecimentos e reflexões que tem lugar nas aulas teóricas, nomeadamente relativas à observação como instrumento de análise pedagógica, isto é, ao "porque" da observação.

2. A etape seguinte, análise dos resultados, tem entre outras a função de levar os alunos a expressar e explicitar as suas experiências e reflexões. O docente assume agora um papel de orientação mais activa, solicitando a verbalização das experiências e, facilitando a tomada de consciência das limitações de tal observação; para tal, chama a atenção para as seguintes questões:

- *Subjectividades dos registos*

Tal subjectividade constata-se pelas diferenças relativamente a três aspectos:

- 1º - Quanto ao objecto da observação; alguns registos centram-se sobretudo nos elementos materiais, outros em determinados comportamentos de determinados intervenientes, outros na descrição das actividades e tarefas em curso, etc.
- 2º - Quanto ao objectivo da observação; descrever em pormenor, interpretar, registar dados quantitativos ou qualitativos, seleccionar ou não o que se regista.
- 3º - Quanto às interpretações; é sobretudo neste ponto que se registam, geralmente, as maiores discrepâncias.

A análise destas constatações é orientada no sentido da reflexão sobre a subjectividade e da consequente detecção das suas fontes e de pistas para a identificação de processos de objectivação da observação. (para além do critério de inter-subjectividade) Por outro lado, chama-se a atenção para o seu valor enquanto elémento de caracterização do observador, dos seus quadros de referência.

Captando a interferência de projecções dos indivíduos, o docente através da utilização de uma técnica semelhante à "técnica do espelho", procura dar aos alunos consciência delas.

De facto, os registos incluem (1) aquilo que parece importante a cada observador, de acordo com os seus interesses e tendências teóricas; os seus quadros conceptuais, têm uma interferência especialmente importante ao nível do significado atribuído ao que se observa, "do modo como se observa e julga o outro ... a equação pessoal exerce uma tripla função de selecção, sensibilização e distorção. O observador é particularmente receptivo a certas classes de comportamento e fechado a outras" (Paquay, 1974). Em síntese, a experiência pessoal leva à leitura de diferentes aspectos e à leitura de diferentes significados no mesmo aspecto. Chama-se no entanto a atenção dos alunos para o facto de, por mais objectiva que seja a observação, ela ser sempre influenciada por quadros de referência que não controlamos: eles devem ser sempre tidos em conta, para além das competências específicas do observador.

A segunda conclusão que se retira da análise dos resultados é a de que todos eles são igualmente válidos, uma vez que não foi fornecido qualquer critério para a observação; não é possível aferir as observações registadas.

Surge então um primeiro critério de observação: o da separação dos elementos objectivos dos subjectivos. Os alunos realizam esta tarefa nos seus registos incluindo nos elementos objectivos os comportamentos (verbais e não verbais) e situação (composta

(1)...e, consistentemente com resultados referidos por A. Estrela (1984) a partir de observações de fotografias de situações educativas.

pelos elementos materiais e físicos e comportamentos anteriores); os elementos subjectivos são constituídos pela formulação de inferências (passíveis de confirmação através da análise dos comportamentos em situação).

O docente explora mais pormenorizadamente a relevância e cuidados a ter relativamente à formulação das inferências. Acen-tua que não se trata de as eliminar dos registos de observação, mas sim de saber identificá-las distingui-las e anotá-las separadamente; que, inferir o significado de um comportamento ou interacção, exige que ele seja inserido na situação em que se manifesta, rodeado dos seus antecedentes e consequentes. Assim, permite-se a compreensão da necessidade da definição da situação, descrição objectiva do comportamento e, expli-citação das suas consequências observáveis, critérios cuja im-portância os alunos puderem constatar.

Os alunos reestruturam então os protocolos, utilizando as três rubricas: situação, comportamentos e inferências.

- *Características da observação naturalista*

Os alunos são então levados a retirar conclusões relativamente às características de uma observação que permita tais inferências, isto é, que permita a formulação de primeiras "hipóteses" quanto à origem e processo dos fenómenos relevantes. Trata-se da observação naturalista e característica desta técnica:

- não selectividade no momento de registo, que deve no entanto permitir uma posterior análise rigorosa;
- continuidade: registo do contínuo dos acontecimentos, num esforço de reproduzir o seu carácter ininterrupto;
- precisão da situação;
- sequencialidade: registo de uma "sucessão de unidades de comportamento que se fundem umas nas outras" (A. Estrela, 1984).

O objectivo não é o desenvolvimento teórico sobre técnicas de observação e sua adequação aos objectivos dos projectos, mas sim a identificação e o reconhecimento formal das características da observação naturalista, após a experiência da sua necessidade.

De acordo com Paquay (1974) a observação realizada pelos alunos após a primeira instrução para ver o video foi uma *observação ocasional* e, por isso, sujeita a várias fontes de erro: desde o efeito de "halo", isto é, "a tendência para ser influenciado por um traço particular ou por uma impressão geral acerca de uma pessoa quando se avalia outro traço da mesma pessoa" (Wolman); à influência da equação pessoal do indivíduo; à indeterminação da linguagem corrente. Procurou-se precisar os dados da observação separando as interpretações e juízos dos dados observáveis. Assim, dados que teriam de ser tomados como representações, perspectivas dos observadores, passam a ser comportamentos em situação.

Para além do estabelecimento de critérios de observação, tornou-se ainda possível o reconhecimento de alguns objectivos que podem ser assegurados pela observação, nomeadamente a recolha objectiva de informação, sua organização e interpretação; esta última, na medida em que a observação realizada permitiu a apreensão de relações sequenciais e causais.

3. Os alunos, usando a "ficha para registo de dados de observação da classe" assistem de novo à apresentação do material audio-visual e descrevem-no de acordo com os preceitos da técnica naturalista.

4. A caracterização intensiva e detalhada da situação, assim possibilitada, coloca a questão da necessidade de, para além de um registo descritivo, da vertente qualitativa em que assen

ta a observação naturalista, poder haver interesse em determina das quantificações (duração, intensidade, frequência).

Definindo os aspectos que são significativos para os respectivos objectivos, delimita-se ao mesmo tempo o campo da observação; trata-se então de elaborar grelhas ou grades, bem como o sistema de notação, ou seja, instrumentos de observação sistemática.

Assim, os alunos elegem ou é-lhes sugerido um campo de observação sistemática (comportamentos, interações) , pertencente à situação que foi apresentada. São convidados a defini-lo operacionalmente, o que fazem, regra geral, recorrendo à memória de revisões literárias, aulas a que assistiram ou em que participaram, a testes psicológicos, etc., numa tentativa de serem exaustivos. Os resultados são registados no quadro preto procedendo-se a uma análise da listagem dos tópicos, no sentido de se constituírem em instrumento para a observação.

Da sua análise poderão ser retiradas algumas conclusões relativas aos *princípios e técnicas* de construção de grades de sinais e de categorias:

- 1º A necessidade de definição operacional dos termos utilizados, de modo a que os observadores "tenham um mesmo reportório de significantes que circunscrevam significados idênticos (Paquay, 1974)
- 2º O leque de tópicos registados será adequado à situação que observaram. Assim relevada a necessidade de se elaborarem instrumentos adaptados a situações e grupos de sujeitos que se pretende observar. Por outro lado, a sua pertinência relativamente aos objectivos é uma característica altamente positiva.

Os alunos analisam e reportoriam então os índices observáveis

dos seus protocolos de observação, pertinentes ao campo de observação (1). Desta análise emergem quer comportamentos quer tipos de comportamentos, podendo pois dar origem a *grades de sinais* no primeiro caso (sendo cada comportamento inventariado objecto de um registo cada vez que ocorre) ou de *categorias* (categorias que agrupam e classificam conjuntos de indicadores que serão objecto de interpretação, julgamento e de registo se ocorrem acontecimentos desse tipo) (2).

Os alunos constroem então, em pequenos grupos, uma grade de sinais a partir dos comportamentos *induzidos* da análise dos protocolos; seguidamente aplicam-na enquanto observam de novo o "incidente crítico".

Finalmente, transformam-na numa grade de categorias exaustivas e mutuamente exclusivas, cuja definição operacional é constituída pelos itens da primeira grade.

Embora o docente procure que para o processo de categorização os alunos utilizem a via indutiva e sublinhe a sua importância, a via dedutiva não é excluída, tanto mais que para inventariar os comportamentos do sistema de sinais se utilizaram, pelo menos implicitamente, categorizações pré-estabelecidas.

-
- (1) Evidentemente, para a elaboração de um instrumento de observação sistemática seria necessário um número grande de observações tipo naturalista ou, como sugerem M.T. Estrela e A. Estrela (1978), de incidentes críticos referentes ao tipo de comportamentos em questão. A sua finalidade neste caso é o treino.
 - (2) Estes são os critérios para a distinção entre "sistema de sinais" e "sistema de categorias" utilizadas por M.T. Estrela e A. Estrela (1978).



3.4 - AVALIAÇÃO

A avaliação dos objectivos para esta unidade é feita através dos produtos e, consiste no julgamento do docente sobre o modo como os alunos dominam as técnicas de observação e registo de dados. Considera-se que o "saber fazer" (saber realizar⁽¹⁾ uma observação naturalista, sistemática, construir um instrumento de observação) explicita o saber.

O julgamento é feito por referência ao modelo cujos componentes principais foram sintetizados na rubrica "objectivos específicos". É realizado fundamentalmente através da observação dos comportamentos do aluno que constituem pois os critérios de sucesso da avaliação de resultados junto dos alunos.

Os critérios de sucesso englobam um conjunto de objectivos mínimos:

- 1 - Elaboração de protocolos de observação com as seguintes características:
 - 1.1 - Os elementos objectivos claramente separados dos subjectivos;
 - 1.2 - Situação, comportamento e suas consequências, distintamente definidos;
 - 1.3 - Uma descrição sequencializada e não-selectiva.
- 2 - Elaboração, a partir de protocolos de observação naturalista, de dois tipos de instrumento de observação sistemática: grades de sinais e de categorias.

A avaliação processa-se ao longo das aulas que compõem a unidade. Um outro momento e meio de avaliação de alguns dos objectivos, é aquele em que se analisam nas aulas práticas os resultados de registos de observação que os alunos realizaram no terreno.

(1) Cf. ponto 2.4.

É uma avaliação evolutiva, dentro de uma escala de progressividade, permitindo desenvolver-se os objectivos mínimos. Os objectivos de desenvolvimento são aplicados quando os alunos, numa outra unidade, estiverem a aplicar as técnicas de observação em situações concretas. Por essa razão não serão aqui enunciados.

A avaliação tem carácter formativo, isto é, o julgamento é transmitido ao aluno de modo a que ele tenha oportunidade de melhorar a sua realização; ou seja, é acompanhado dos recursos materiais e de tempo necessários às modificações desejáveis.

REFERÊNCIAS

- De Landsheere (1972) Introduction à la recherche en éducation. Paris, Armand Colin-Bourrelhier in Estrela, M.T. e Estrela, A. (1978) *A técnica dos incidentes críticos no ensino*. Lisboa, Ed. Estampa, Lda.
- Estrela, A., (1984 a)) *Teoria e prática de observação de classes*. Lisboa, INIC.
- Estrela, A. (1984 b)) *Técnicas de observação e de caracterização de situações pedagógicas*. Lisboa, texto policopiado.
- Estrela, M.T., Estrela, A. (1978) *A técnica dos Incidentes Críticos no ensino* Lisboa, Ed. Estampa, Lda.
- Paquay, L. (1974) L'observation dans le cadre de l'évaluation formative, in A. Bonboir, *Une Pédagogie pour demain*. Paris, PUF.
- Pujol, J., Fons, J.L. (19) *Métodos en la enseñanza universitaria*
- Nérici, I.G. (1973) *Metodologia do ensino superior*. Rio de Janeiro, Ed. Fundo de Cultura, 2ª Ed.
- Wolman, B. Dictionary of behavioral science, Nova Iorque, Macmillan Press, Lda. in Estrela, M.T. e Estrela, A. (1978) *A Técnica dos Incidentes Críticos no ensino*. Lisboa, Ed. Estampa, Lda.

BIBLIOGRAFIA PARA A UNIDADE

- Bataille, M. (1972). L'attitude expérimentale en Pédagogie. In J. M. Gabaude, *La Pédagogie Contemporaine*. Toulouse: Privat.
- Estrela, A. (1984). Problemática Geral da Observação. In A. Estrela, *Teoria e Prática de Observação de Classes*. Lisboa: INIC.

- Estrela, A. (1984) Manual de técnicas e instrumentos de observação pedagógica. In A. Estrela, *Teoria e Prática de Observação de Classes*, Lisboa:INIC.
- Estrela, M.T., Estrela,A. (1978). A Técnica dos Incidentes Críticos e a observação da classe. In M.T. Estrela e A. Estrela, *A Técnica dos Incidentes Críticos no Ensino*.Lisboa: Ed. Estampa, Lda.
- Henry, J. (1961), L'observation naturaliste des familles d'enfants psychotiques. In J. Henry, *La psychiatrie de l'enfant* (vol. IV, fasc. 1) Paris: PUF
- Paquay, L. (1974), L'observation dans le cadre de l'évaluation formative. In A. Bonboir, *Une Pédagogie pour demain*. Paris: PUF.

A N E X O S

UNIVERSIDADE DO PORTO

FACULDADE DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Ano lectivo
1985/86

- I - Cadeira: PSICOPEDAGOGIA
- II - Número de horas previstas: 80
- III - Objectivo geral: iniciar os alunos na metodologia das Ciências da Educação como meio de tomada de consciência das possibilidades e limites actuais dessas Ciências.
- IV - Matérias:
1. *Uma perspectiva histórica da escola e da classe*
 2. *Da Pedagogia às Ciências da Educação:*
 - 2.1 - A Educação como teoria e como prática;
 - 2.2 - Contribuições da Psicologia e da Sociologia para uma abordagem do fenómeno educativo;
 - 2.3 - Ciências ou Ciências da Educação ?
 3. *A Pedagogia como Ciência da Educação:*
 - 3.1 - Metodologia da observação;
 - 3.2 - Um modelo de caracterização pedagógica:
 - 3.2.1 - *Estrutura da classe:*
 - 3.2.1.1 - Inserção sócio-económica e escolar dos intervenientes no processo educativo;
 - 3.2.1.2 - Inserção da classe no sistema educativo;
 - 3.2.2 - *Dinâmica da classe* (acções e perspectivas de professores e alunos):
 - 3.2.2.1 - Objectivos, estratégias de intervenção e avaliação do ensino-aprendizagem;
 - 3.2.2.2 - A relação pedagógica.
 - 3.2.3 - Sistemas e processos de interpretação de dados.
- Nota: As situações educativas a estudar serão definidas de acordo com os alunos.
- V - Meios a utilizar: 1 - Informação teórica; 2 - Trabalhos práticos e trabalhos no terreno; utilização de técnicas de trabalho em grupo e de trabalho individual, de simulação e do "video-tape".

II

- VI - Bibliografia principal: fornecida em folha anexa.
- VII - Documentação: será fornecida gradualmente, de acordo com os temas indicados e com as situações educativas escolhidas pelos alunos.
- VIII- Avaliação: a classificação final será estabelecida através de coeficientes, obtidos a partir de trabalhos apresentados sob a forma escrita e discutidos oralmente.

Porto, 18 de Outubro de 1985

Os docentes:

Albano Estrela

Marina Serra de Lemos

UNIVERSIDADE DO PORTO
FACULDADE DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

PSICOPEDAGOGIA

(1985/86)

BIBLIOGRAFIA

a) Geral

1. Anzieu, D. e Martin, J-Y (1968), *La dynamique des groupes restreints*, Paris, PUF.
2. A.R.I.P., (s.d.) *Pedagogia e Psicologia dos Grupos*, Lisboa, Livros Horizonte.
3. Avanzini, G. (1976), *Introduction aux Sciences de l'Éducation*, Toulouse, Privat.
4. Avanzini, G. (1978) *A Pedagogia no Século XX*, Lisboa, Moraes.
5. Bany e Johnson, (1973) *La Dinámica de Grupo en la Educación*, Madrid, Aguilar.
6. Berbaum, J., (1982) *Étude systématique des actions de formation*, Paris, PUF.
7. Bertalanfof, L.V., (1980) *Théory générale des systèmes*, Paris, Dunod.
8. Birzêa, C. (1979) *Rendre opérationnels les objectifs pédagogiques*, Paris, PUF.
9. Bonboir, R., (1974) *Une pédagogie pour demain*, Paris, PUF.
10. Bourdieu e Passeron, (1970) *La reproduction*, Paris, Minuit.
11. Coombs, P. e outros, (1981), *Fundamentos do Planejamento Educacional*, S. Paulo, Cultrex.
12. Davis, R. e outros, (1980) *Sistemas de Aprendizagem*, S. Paulo, Mc Graw-Hill.
13. De Landshere, G. (1976) *Avaliação Contínua e Exames. Noções de Docimologia*, Coimbra, Almedina.
14. Debesse e Mialaret, *Traité des Sciences Pédagogiques*, Paris, PUF, 7 vols.
15. D'Hainaut, L., (1980) *Educação - Dos fins aos objectivos*, Coimbra, Almedina.
16. Estrela, A. (1984) *Teoria e prática de Observação de Classes. Uma estratégia de Formação de Professores*, Lisboa, INIC.
17. Estrela, M.T. e Estrela, A., (1977) *Perspectivas Actuais sobre a Formação dos Professores*, Lisboa, Estampa.
18. Estrela, M.T. e Estrela, A., (1978) *A Técnica dos Incidentes Críticos no Ensino*, Lisboa, Estampa.

19. Faure, E. (1981) *Apprendre a ser*, Lisboa, Bertrand.
20. Freinet, C., (1976) *As Técnicas Freinet da Escola Moderna*, Lisboa, Estampa.
21. Gabaude, J.M. (1972) *La pēdagogie contemporaine*, Toulouse, Privat.
22. Hargreaves, D. (1977) *Las Relaciones interpersonales en la Education*, Madrid, Narcea.
23. Johnson, D., (1972) *Psicologia Social de la Education*, Buenos Aires, Kapelusz.
24. Joyce, B. e Weil, M., (1980) *Models of Teaching*, New Jersey, Prentice-Hall Inc.
25. Juif, P. e Legrand, L., (1974) *Textes de pēdagogie pour l'ēcole d'aujourd'hui*, Paris, Nathan.
26. Kelly, A.V., (1980), *O Curriculo. Teoria e Prática*, S. Paulo, Harper and Row.
27. Kerlinger, F., (1973) *Foundations of Behavioral Research*, London, Holt, Reinehart and Winston.
28. Mialaret, G. (1980) *As Ciēncias da Educaçāo*, Lisboa, Moraes.
29. Palmade, G., *Os Mētodos Pedagōgicos*, Lisboa, Ed. Notícias
30. Piaget, J., (1970) *Psicologia e Pedagogia*, Rio de Janeiro, Ed. Forense.
31. Postic, M., (1979) *La relation ēducative*, Paris, PUF.
32. Sacristan, J.G., (198) *La pedagogia por objetivos: obsession por la eficiēncia*, Madrid, Morata.
33. Silva, M. e Tamen, M.I., (1981) *Sistema de Ensino em Portugal*, Lisboa, Gulbenkian.
34. Schœer, L., (1975) *L'ēvaluation des ēlèves dans la pratique de la classe*, Paris, PUF.
35. UNESCO, (1980) *O Educador e a Abordagem Sistemática*, Lisboa, Estampa.

b) Vocabulários e Dicionários

1. De Landshere, G., (1979) *Dictionnaire de l'ēvaluation et de la recherche en ēducation*, Paris, PUF.
2. Foulquié, P., (1971) *Dictionnaire de la langue pēdagogique*, Paris, PUF.
3. Mialaret, G., (1979) *Vocabulaire de l'ēducation*, Paris, PUF.

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

- Psicopedagogia

1º Questionário

Data

1. ELEMENTOS DE IDENTIFICAÇÃO

1.1. Nome

1.2. Idade

1.3. Endereço

1.4. Telef.

1.5. Curso

1.6. Ano

1.7. Situações profissionais (actual e anteriores)

2. ELEMENTOS PARA AJUSTAMENTO DO PROGRAMA E ORIENTAÇÃO DAS AULAS

2.1. Estudos ou actividades que tenha realizado no âmbito da Pedagogia e das Ciências da Educação.

2.2. Leituras feitas dentro de temas relacionados com a Pedagogia e as Ciências da Educação.

2.3. O que espera desta "Psicopedagogia" ?

2.4. Temas que gostaria de ver tratados e actividades práticas que gostaria de realizar dentro do âmbito da cadeira.

2.5. Métodos e técnicas que preferiria que os docentes utilizassem na orientação das aulas.

2.6. Processos de avaliação que considera mais adequados para a cadeira.

2.7. Outros elementos que ultrapassem o âmbito das perguntas do questionário, mas que considere conveniente fornecer.

Obrigado
Os docentes

Por favor, não assine

A fim de se obterem elementos necessários à organização e funcionamento das aulas, pede-se que responda, de modo preciso e sucinto, às seguintes perguntas:

A - Aulas Teóricas

1 - Aspectos que considera negativos:

2 - Aspectos que considera positivos:

3 - Sugestões:



B - Aulas Práticas

1 - Aspectos que considera negativos:

2 - Aspectos que considera positivos:

3 - Sugestões:

